

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Lusitania Sacra, Lisboa, 1956-

Ao surgir, em 1956, a *LS* apresentou-se como «Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica» (CEHE). Na intenção dos seus promotores, a *LS* e o CEHE pretendiam suprir uma lacuna que consideravam evidente na historiografia portuguesa – a investigação sobre a problemática eclesiástica –, facto tornado patente no desafio lançado pelo «Comité International des Sciences Historiques» e a sua Comissão de História Eclesiástica Comparada para que a historiografia portuguesa sobre esta temática se fizesse representar nos Congressos internacionais das Ciências Históricas. O repto do CISH esteve na génese da reunião de 5 de Janeiro de 1956 da qual saiu uma Comissão, presidida por Mons. Miguel de Oliveira e integrando António da Silva Rego, António Brásio e Avelino de Jesus da Costa, encarregada de organizar um Centro de Estudos, a que foram agregados Bernardo Xavier Coutinho e Mário Martins, compondo no seu conjunto a Comissão de Redacção da *LS*. A publicação desta, cujo título se deveu a sugestão de Miguel de Oliveira, ficou decidida naquela reunião, tendo surgido, ainda em 1956, o Tomo I da *LS*. Na prática, porém, a Revista antecedeu em cerca de 15 anos a constituição formal do CEHE, cujos estatutos tiveram aprovação canónica a 29 de Dezembro de 1972 e civil a 15 de Fevereiro de 1973.

A *LS* manteve-se nesse período como única concretização visível do CEHE ao qual os promotores projectavam, desde o início, uma actividade restrita enquanto “não estivesse anexo a um Instituto de cultura católica”, expectativa acalentada por alguns sectores do catolicismo português desde o encerramento da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra; assim, esse Centro era, nas palavras dos seus promotores, um “agrupamento de estudiosos de boa vontade” [*LS*, 1ª Série, I (1956), p. 297], desempenhando a *LS* tanto a função de dar visibilidade à iniciativa quanto a de manter desperta a necessidade do desenvolvimento dos estudos de história eclesiástica, alimentando a vontade de ver crescer o número dos investigadores que se debruçassem sobre esse campo historiográfico.

O conjunto dos tomos da revista, na sua primeira fase, reflecte as características do panorama historiográfico nacional coevo e do espaço dedicado à história eclesiástica nesse contexto, mas resultam, também, do seu enquadramento institucional débil e, em grande medida, exterior à academia.

Em primeiro lugar, o número restrito de colaboradores, vinte e sete ao todo, a esmagadora maioria clérigos, se bem que a iniciativa tivesse contado desde o início com o apoio de vários leigos, entre outros, Torquato de Sousa Soares, Eduardo Brazão, José da Silva Dias e Henrique Barrilaro Ruas. Depois, o



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

esforço das comissões de redacção cujos membros contribuíram com mais de metade dos artigos publicados, destacando-se, por volume de produção, António Brásio, Mário Martins, Isaías da Rosa Pereira, Miguel de Oliveira e Avelino de Jesus da Costa; fora desse núcleo merece destaque a colaboração do jovem beneditino José Mattoso, o terceiro maior contribuinte, publicando e anotando a correspondência diplomática de Fr. Bento de Santa Gertrudes, João Pedro Ribeiro e Fr. Francisco de S. Luís. Em terceiro lugar, aquelas características, juntamente com o escasso volume da produção historiográfica e a sua escala, terão limitado a internacionalização da *LS*, notória na publicação de um único autor estrangeiro, Charles-Martial De Witte, não obstante a revista ter estabelecido permutas com um conjunto de publicações internacionais de relevo e permitido o contacto dos seus autores com a rede do CISH.

A estas características somam-se as permanentes dificuldades financeiras com que se debateram as comissões de redacção. Procuraram minimizá-las com o contributo monetário dos próprios membros, com o auxílio do Episcopado, tendo-se comprometido cada diocese a adquirir um conjunto de exemplares – o que produziu escassos resultados –, e os subsídios da Fundação Calouste Gulbenkian para os números de 1959 e 1960 e, posteriormente, do Instituto de Alta Cultura. No seu conjunto, as dotações obtidas eram insuficientes para amortizar a dívida e garantir de modo sustentável a publicação da Revista [Cf. *LS*, 1ª Série, X (1978)], valendo-se do apoio monetário pessoal dos Cardeais D. Manuel Gonçalves Cerejeira e D. António Ribeiro para o conseguir.

Em meados da década de sessenta do século passado as dificuldades financeiras assinaladas e um clima universitário e eclesial pouco propício à investigação em história eclesiástica, e por isso ao desenvolvimento de massa crítica que a sustentasse, conjugavam-se para o incumprimento da periodicidade anual projectada para a *LS*, que foi possível apenas entre 1956 e 1959 (tomos I-IV); entre 1960 e 1963 a Revista teve um ritmo bienal de publicação (tomos V-VI) e, depois, trienal entre 1964 e 1969 (tomos VII-VIII). Este último Tomo foi já dirigido por uma comissão de redacção reformulada em 1967; aos membros da comissão anterior, à excepção de Bernardo Xavier Coutinho e Miguel de Oliveira, que por motivos de saúde solicitara ao Patriarca, em finais de 1967, um novo líder para a redacção da *LS*, juntaram-se Fernando Félix Lopes e Isaías da Rosa Pereira; este assumiu, na prática, a direcção da *LS* e encetou esforços para a institucionalização do CEHE, projectando uma futura integração na Universidade Católica Portuguesa que, então, dava os primeiros passos. Sob a nova Comissão editaram-se dois tomos, respeitantes a 1970-1971 (IX) e a 1978 (X), mantendo-se associada a chancela da União Gráfica, a quem coube a impressão de todos os volumes da 1ª Série.

A consolidação institucional do CEHE, que visava robustecer a sua actividade e permitir a sua inserção na academia, coincidiu com o limiar de um novo contexto sociopolítico, pouco favorável à densificação da história eclesiástica, que implicou profundas transformações no meio universitário português; aliás, algumas das características essenciais da historiografia de que a *LS* se fez eco na primeira fase da sua existência surgiam desfasadas do panorama historiográfico internacional que teve repercussões também na abordagem do fenómeno religioso.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Os trabalhos pioneiros, que se repercutiram na CISH, de Jean Daniélou e Henri-Irénée Marrou, com a «Nouvelle Histoire de L'Eglise», ou de Hubert Jedin, entre outros, traçaram um novo quadro que, considerando a complexidade da problemática religiosa, contribuía para a sedimentar como campo historiográfico imprescindível e de lastro mais abrangente que o âmbito eclesiástico, institucional e confessional, características identificadoras da *LS* na sua primeira fase. O esforço de rigor científico e «imparcialidade» [*LS*, 1ª Série, I (1956), p. 11] a que os promotores da *LS* se propuseram coexistiu com o ímpeto de valorização do papel da Igreja Católica no processo histórico da consolidação de Portugal, não isento de uma perspectiva apologética no quadro de um certo catolicismo nacional que marcava alguns dos mais relevantes promotores do projecto. Estas características reflectem-se na incidência dos artigos publicados, de forma quase exclusiva, nos períodos Medieval e Moderno, escasseando a abordagem da contemporaneidade, no que a *LS* não se afastava do panorama da historiografia portuguesa coeva. O conjunto da publicação reflecte o seu alinhamento com a matriz da história eclesiástica tradicional, com um enfoque prevalecente na abordagem institucional do fenómeno religioso, tanto nas estruturas (A. Antunes Borges – *Provisão dos Bispos e Concílio Nacional no Reinado de D. João IV*; António Brásio – *Três Dioceses Pombalinas: Castelo Branco, Penafiel, Pinhel*) como nas lideranças eclesiásticas (Manuel Maria Wermers – *D. Fr. Baltasar Limpo no Concílio de Trento*), ou pelo sublinhado do contributo nacional em acontecimentos eclesiais de maior relevo (Celestino Pires – *Os Teólogos portugueses e a graça no Concílio de Trento*), sempre dentro do contexto católico.

A 1ª Série seria encerrada em 1988, dez anos após a publicação do último número, não tendo sido conservados elementos suficientes para apurar com rigor o custo unitário de cada tomo e as respectivas tiragens.

A 2ª Série, encetada em 1989, marca uma viragem no enquadramento institucional da *LS* e uma alteração substancial da sua perspectiva historiográfica, notória na nova subtítuloção: «Revista do Centro de Estudos de História Religiosa» (CEHR), reivindicando-se, embora, do percurso anteriormente realizado, continuidade explicitamente assumida e ilustrada com a publicação de artigos de dois dos mais relevantes colaboradores da 1ª Série, Avelino de Jesus da Costa e Isaías da Rosa Pereira [*LS*, 2ª Série, I (1989)].

A passagem da história eclesiástica à história religiosa reflectia a mudança historiográfica entretanto ocorrida, considerando o fenómeno religioso em perspectiva ampla e integrada no conjunto das suas implicações antropológicas e societárias, procurando ultrapassar as limitações das abordagens político-eclesiásticas que tendem a confinar as análises aos limites formais das confissões religiosas. Alguns dos autores mais significativos desta alteração, sobretudo no ambiente francófono, como René Rémond, Jean Delumeau, Jean-Marie Mayeur, Émile Poulat, Jean-Claude Schmitt e Claude Prudhomme, entre outros, exerceram uma considerável influência nas novas gerações que corporizaram a estruturação do CEHR e a consolidação da *LS* na segunda fase da sua existência, patente nas presenças daqueles historiadores em iniciativas promovidas pelo CEHR. Sem deixar de atender às dimensões institucionais do fenómeno religioso, o alargamento temático notório no quadro de uma perspectiva integradora daquele nos diversos



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

processos históricos (Pedro Cardim – *Amor e amizade na cultura política dos séculos XVI e XVIII*; Maria Inácia Rezola – *Católicos, operários e sindicatos*) dá conta da nova concepção de História Religiosa, preocupada, entre outros vectores, com a dimensão comparativa e transnacional (Stefan Gatzhammer – *Antijesuítismo europeu: relações político-diplomáticas e culturais entre a Baviera e Portugal - 1750-1780*), o percurso de diversificação da confessionalidade religiosa em Portugal (Luís Aguiar Santos – *A primeira geração da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica - 1876-1902*; Claude B. Stuczynski – *Cristãos-Novos e Judaísmo no início da Época Moderna: identidade religiosa e “Razão de Estado”*) e a progressiva reconfiguração do mesmo (Tânia Welter – *Do curador ao santo: aproximações entre os processos de consagração de Dr. Sousa Martins, Santa da Ladeira e São João Maria Agostinho*).

Esta segunda fase fica marcada pela definitiva inserção do CEHE na academia, através da sua incorporação, ainda que conservando alguns graus de autonomia, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa em 1984 – se bem que tivesse sido equacionado, no início da década anterior, converter a LS em órgão daquela Faculdade, o que acabou por gorar-se – e a posterior transformação em CEHR (1989), após a eleição da sua primeira direcção, corria o ano de 1988. Este facto contribuiu tanto para o alargamento como para a consolidação de um corpo de investigadores sobre a problemática religiosa, abarcando a diacronia da periodização historiográfica clássica.

Continuando a ser publicada em Lisboa, a LS espelha, do ponto de vista das suas direcções e comissões de redacção, a composição do órgão directivo do CEHR; assim, teve sucessivamente como directores António Montes Moreira, Carlos Moreira Azevedo, Manuel Clemente – todos prelados católicos –, Ana Maria Jorge, António Matos Ferreira e Paulo Oliveira Fontes. À semelhança da fase anterior, projectava-se a periodização anual da Revista, que foi cumprida com a excepção tomos bienais de 1996-1997 (VIII-IX), 2001-2002 (XIII-XIV) e 2007-2008 (XIX-XX), tendo passado a publicação semestral em 2011 (XXIII).

Dirigida directamente à comunidade académica, tal com na fase anterior, a 2ª Série, ao invés da precedente, procurou conferir unidade aos diversos tomos, fosse por via temática ou cronológica, esta mais recorrente até ao tomo XX, surgindo sequenciados os volumes dedicados ao período medieval, moderno e contemporâneo.

Quanto à organização interna de cada volume, estes incluem, além dos artigos, uma secção de Crónica Universitária, outra destinada à publicação de resenhas, e, a partir do tomo VIII-IX, com excepção do XXI dedicado ao cinquentenário da publicação da Revista, uma outra intitulada Notas de Investigação.

O alargamento do número de colaboradores, que ultrapassa já as duas centenas, reflecte o crescimento dos estudos sobre a problemática religiosa no panorama historiográfico português, bem como a rede de investigadores, tanto nacionais quanto estrangeiros, articulada em torno do CEHR; de entre estes releve-se a presença dos meios académicos espanhol e francês e, fora da Europa, mexicano e brasileiro.

Esporadicamente ilustrada, a LS sofreu variações diversas ao nível das tiragens e do respectivo custo unitário por volume ao longo da 2ª Série. Quanto às tiragens, estas mantiveram-se constantes entre os tomos I e IV, sendo de 1000 exemplares e cabendo a execução gráfica à firma Barbosa & Xavier. Do tomo

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

V ao XVIII (1993-2006), cifraram-se nos 750 exemplares, tendo sido impressos 600 do tomo bienal XIX-XX (2007-2008), para voltar ao valor anterior no número seguinte; destes, os tomos V-IX tiveram execução gráfica do Centro de Publicações da UCP; os restantes, e até ao presente, estiveram a cargo da empresa Sersilito. Entre os tomos XXII e XXVI (2010-2012) a tiragem diminuiu para os 500 exemplares, voltando a decrescer nos dois últimos tomos publicados, XXVII e XXVIII respeitantes ao ano de 2013, para os 400 exemplares. No que concerne ao custo da *LS*, o valor da assinatura variou entre os 1.000\$00 (escudos) dos dois primeiros tomos e os 4.000\$00 do Tomo VII; com a alteração da unidade monetária, o preço entre os tomos XII e XXII manteve-se constante nos 20€ (euros), tendo-se cifrado nos 16€ do tomo XXIII ao XXVIII.

O conjunto dos volumes da *LS* encontram-se disponíveis on line, em acesso livre.

Fontes e Bibliografia: *Lusitania Sacra*, 1ª e 2ª séries; particularmente, Tomo XXI (2009), 2.ª série – «Da História Eclesiástica à História Religiosa»; Luís Reis Torgal – «A história em tempo de “ditadura”». Luís Reis Torgal; José Amado Mendes; Fernando Catroga – *História da História em Portugal, sécs. XIX-XX*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996, p. 241-276.; Sérgio Campos Matos – «Historiografia II. Contemporânea». Carlos Moreira Azevedo (Dir.) – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, vol. 2, p. 368-374.

Sérgio Ribeiro Pinto



APOIOS:

